

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: DIÁLOGOS NÃO ESTABELECIDOS, estudo de caso no município de Cláudio, MG

Sandra Meire Guimarães¹

Maria Márcia Cândida²

RESUMO

Este artigo sistematiza, em uma abordagem qualitativa, os resultados de uma pesquisa exploratória e explicativa que buscou analisar a violência física registrada entre aluno(a)s do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Cláudio, oeste de Minas Gerais. Na pesquisa de campo foram adotadas as técnicas de observação direta e da entrevista semiestruturada e, em alguns casos, estruturada, com gestore(a)s, professore(a)s, aluno(a)s e familiares. A fundamentação teórica do estudo recorre ao(a)s autore(a)s Abramovay e Rua (2003), Abramovay (2006, 2016), Charlot (2002), Soares (2013) e outros. O objetivo da pesquisa foi analisar o fenômeno social dentro, e, fora dos muros escolares. Constatando suas origens na ausência de uma parceria efetiva entre escola e família, cuja situação se agrava à medida que órgãos e instituições de acolhimento e proteção dos direitos das crianças e adolescentes demonstram incapacidade de articulação e de garantia de direitos.

Palavras-chave: Violência, Escola, Adolescentes, Diálogo.

ABSTRACT

This article systematizes, in a qualitative approach, the results of an exploratory and explanatory research that sought to analyze the physical violence registered among students of the 9th grade of elementary school in a public school in the city of Cláudio, western Minas Gerais. In the field research, the techniques of direct observation and the semistructured and, in some cases, structured interviews were used with managers, teachers, students and family members. The theoretical basis of the study refers to Abramovay and Rua (2003), Abramovay (2006, 2016), Charlot (2002), Soares (2013) and others. The objective of the research was to analyze the social phenomenon inside and outside the school walls. Noting their origins in the absence of an effective partnership between school and family, whose situation worsens as organs and institutions of reception and protection of the rights of children and adolescents demonstrate inability to articulate and guarantee rights.

Key words: Violence, School, Adolescents, Dialogue.

¹ sandramgflora@gmail.com

² maria_marciac@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

O artigo propõe uma análise sobre o grave problema social que é a violência na escola. Abramovay e Rua (2003) consideram que a violência na escola não deve ser vista apenas como uma modalidade de violência juvenil, e sim de uma ocorrência que expressa três conjuntos de variáveis: o institucional, o social e o comportamental. Objetivando identificar as possíveis causas da violência na escola, e compreender como as escolas lidam com o problema? Partindo da premissa de que, se a escola é reconhecida como principal espaço de formação cidadã, como ela enfrenta o problema da violência? Que motivos provocam a violência entre alunos? Escola e família estabelecem parcerias para lidar com a violência?

A importância do estudo se reflete na ocorrência do fenômeno, cada vez mais constante, para uma análise das causas e sugestões para combate. Na revisão de literatura, foram consultados diversos autores como Abramovay e Rua (2003), Abramovay (2006, 2016), Barros (2013), Becker (2016), Charlot (2002), Gil (2002), Guimarães (2006), Melo (2013), Priotto; Boneti (2009), Soares(2013). A percepção da violência no meio escolar suscita um olhar diferenciado porque não existe consenso sobre o significado de violência.(ABRAMOVAY e RUA, 2003).

O artigo estrutura-se em uma breve introdução com descrição do tema e o problema de pesquisa. Depois apresenta a fundamentação teórica sobre a violência escolar e as percepções de aluno(a)s, professor(a)s e gestor(a)s sobre as causas da violência. Descreve os instrumentos usados na pesquisa e os resultados observados. Nas considerações finais destaca a importância do estudo para uma cultura de paz e de diálogo.

2. VIOLÊNCIA NA ESCOLA

A violência na escola, fenômeno social cada vez mais constante, tem deixado educadores angustiados e familiares cada vez mais preocupados. As escolas, antes consideradas ambiente seguro, hoje são espaços de fúria e agressões. Ainda que a violência não seja algo novo na escola, exemplo disso é o *bullying*, outros tipos de violência passaram a ocorrer na escola, com insegurança para diretores, alunos, professores, funcionários, familiares e sociedade. (PRIOTTO & BONETI, 2009).

Violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas. Violência da escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam. Essa violência contra a escola deve ser analisada com a violência da escola: violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e agente os tratam. (CHARLOT, 2002, p. 434).

Dados de uma pesquisa quantitativa coordenada por Abramovay (2016) revelou a situação preocupante de violência sofrida por alunos. Foram entrevistados 6.700 estudantes, de sete capitais brasileiras, cursando entre o 6º ano do ensino fundamental e o ensino médio de escolas públicas. Os resultados mostraram que 42% já sofreram algum tipo de violência, sendo que

Fortaleza e Belo Horizonte apresentam respectivamente dados ainda mais alarmantes, 67% e 66% dos alunos entrevistados disseram já ter sofrido algum tipo de violência na escola (ABRAMOVAY, 2016).

A violência na escola ocorre com intimidações físicas e verbais até a depredação do espaço físico. Portas e janelas quebradas, banheiro entupido, etc.

Na visão de Barros (2012) a violência é um problema social que está presente nas escolas, e se manifesta de diversas formas entre todos os envolvidos. Isso não deveria acontecer, pois a escola é lugar de formação ética e moral dos sujeitos, no entanto, observam-se ações abusivas, nas relações de poder e autoritarismo.

A violência dentro e fora da escola acaba revelando os conflitos nas relações entre classes sociais e no microambiente social dos grupos onde as relações intersubjetivas expressam a conversão de sujeitos em objetos. Sendo assim,“(…) A violência é simultaneamente negação de valores considerados universais: a liberdade, a igualdade, a vida” (KOEHLER, 2008, p. 3). Melo (2010), descreve a violência presente nas ruas das cidades, a violência doméstica, os contrabandos, os crimes de colarinho branco, distanciando a sociedade de uma condição de mais justa e igualdade.

A escola não é um corpo isolado, para Abramovay (2006), a violência nos estabelecimentos escolares não pode ser pensada a partir de um só enfoque, nem tampouco se deve considerar a escola como vítima, mas como produtora de violências, deve-se pensar a partir de um sentido plural, ou seja, como “violências”. Esse pensamento é encontrado no trabalho de Guimarães (2006), a autora ressalta que a escola não deve ser compreendida como espaço de reprodução da violência que se encontra na sociedade, mas como produtora da sua própria indisciplina e violência.

Para melhor compreensão e análise da violência que ocorre nas escolas, é preciso levar em conta fatores externos e internos, visto que, é preciso condições propícias, tanto para ensinar quanto para aprender. Como fatores externos, as questões de gênero, o espaço social em que a escola está inserida, as relações raciais, a facilidade ao acesso ou uso de drogas, o acesso a bebidas alcoólicas, a segurança nas ruas entorno da escola, a existência de traficantes ou gangues, dependendo da localização da escola. (ABRAMOVAY, 2006). É imprescindível analisar o entorno da escola, verificar o portão de entrada e saída, observar quem passa pela calçada. Lima (2002) considera a experiência de ficar no portão da escola como:

...uma experiência de compreensão do que acontece lá dentro. O panorama que se descortina fora do espaço escolar traz à tona aspectos que talvez nunca tenhamos observado antes: a vida da comunidade, seus costumes, preferências, religiosidade...(LIMA, 2002, p.28).

No aspecto interno, é preciso considerar as regras e disciplinas do projeto pedagógico da escola, a idade, o nível de escolaridade e a série dos estudantes, assim como o tipo de punição usado pelos professores e diretores e a relação entre aluno e professor. Outro fator fundamental é a estrutura física da escola, que também pode influenciar no desenvolvimento do educando, uma vez que ele passa boa parte do tempo na escola, e ela precisa ser um ambiente favorável ao seu desenvolvimento.

Para qualquer ser vivo, o espaço é vital, não apenas para a sobrevivência, mas, sobretudo para o seu desenvolvimento. Para o ser humano, o espaço, além de ser um elemento potencialmente mensurável, é o lugar de reconhecimento de si e dos outros, porque é no espaço que ele se movimenta, realiza atividades e estabelece relações sociais (LIMA, 1995, p. 187).

Observar o espaço escolar é fundamental porque a escola é um ambiente de trocas, e as percepções dos alunos acerca do ambiente escolar são consideradas ao abordar a violência. Dados da pesquisa de Abramovay (2016) indicam que a escola possui características que não despertam interesse nos educando, separada do entorno por muro faz com que os alunos se sintam “presos”, preferindo os pátios.

3. POR QUE A INSTITUIÇÃO ESCOLAR TEM SIDO ALVO DE VIOLÊNCIA?

As instituições escolares ainda possuem métodos de trabalho ultrapassado, adotam teorias tradicionalistas de aprendizagem, que não despertam interesse no educando, ao contrário, causam desprazer e oprimem os alunos. A forma de punição também é algo questionável, na maioria das vezes os alunos são advertidos, suspensos, expulsos, o que não ajuda a solucionar o problema e resulta em revolta.

Entender as causas da violência é o primeiro passo para seu enfrentamento. Viana (2002) afirma que a violência exige o conhecimento de suas causas, a escola é um espaço sociocultural, no entanto, os professores não estão preparados para lidar com as realidades e cultura dos educandos. As salas de aulas estão se tornando cada vez mais heterogêneas e o professor possui uma linguagem que não consegue atingir seus alunos.

Para Gomes (2003), pensar a diversidade vai além do reconhecimento do outro. As instituições escolares estão enfrentando um grande problema em relação a essa diversidade cultural, visto que, os diretores, educadores e gestores não sabem lidar com essa pluralidade. Realizam o trabalho de forma tradicional, visando apenas seus próprios interesses. Tudo isso causa grande inquietação por parte dos educando que, ao se sentirem excluídos e ignorados, acabam usando da violência como meio de manifestar-se. As relações aluno, professor, diretor e outros atores enquadram-se na chamada violência simbólica ou institucional.

Segundo Mosquera e Stobaus (2004, pag. 92) : “ Grande parte dos problemas das pessoas provêm de sua própria pessoa ou da relação que estabelece com as outras pessoas”. Isto significa que uma relação ativa entre aluno, professor, gestor e outros atores é essencial para uma vida saudável dentro e fora do contexto escolar.

A parceria da família com a escola é algo cada vez mais distante, diante da grande pressão que o mundo do trabalho e do consumo exerce sobre todos. E isso acaba influenciando o aluno de forma direta, refletindo nas salas de aulas, nas relações com o outro. Freire chama atenção para: “O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente” (FREIRE,1996, p. 103).

A UNESCO publicou recentemente no Brasil um estudo de Abramovay *et al.* (2003 *apud* UNESCO, 2004) sobre escolas que inovam nas suas práticas diárias e aponta as escolas que valorizam o diálogo com seus alunos como as mais bem sucedidas.

4. VIOLÊNCIAS E PUNIÇÕES: um diálogo não estabelecido

A investigação realizada busca conhecer um pouco mais sobre a violência física registrada entre alunos no espaço escolar do município de Cláudio, MG, a escolha do 9º ano do Ensino Fundamental se deve ao fato de que os alunos são adolescentes entre 12 e 18 anos incompletos que vivenciam uma fase de descobertas e conflitos.

4.1. Método e Trajetória de Pesquisa

A problematização do tema motivou a decisão pela pesquisa bibliográfica e a escolha da abordagem qualitativa para os levantamentos e análise de um caso ocorrido em uma escola pública da área urbana do município de Cláudio, MG. A estratégia de pesquisa orienta-se pelo estudo de caso que, segundo Yin (2005), é o recurso técnico mais adequado para responder às questões do tipo “como” e “por que”, a partir de evidências levantadas em diagnósticos, entrevistas e observações. Para GIL (2006) o estudo de caso trata-se de um método qualitativo que consiste, geralmente, em uma forma de aprofundar uma unidade individual. Ele serve para responder questionamentos sobre fenômenos sociais não controláveis pelo pesquisador. É uma ferramenta utilizada para o entendimento dos motivos que levaram a determinada situação. Yin (2001) afirma que o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa útil quando o fenômeno a ser estudado é amplo e complexo e não pode ser estudado fora do contexto onde ocorre naturalmente.

O artigo trata de uma revisão bibliográfica de autores como Abramovay e Rua (2003), Abramovay (2006, 2016), Barros (2013), Becker (2016), Charlot (2002), Gil (2002), Guimarães (2006), Melo (2013), Priotto; Boneti (2009), Soares(2013) e de uma investigação de campo que iniciou-se com uma pesquisa exploratória nas escolas públicas da área urbana do município de Cláudio-MG, para identificação prévia de violência, possíveis causas e punições recebidas pelos alunos envolvidos. Identificado o caso, foi realizada uma observação em quatro turmas de 9º ano do Ensino Fundamental e o estudo do aluno de 16 anos, sexo masculino. As entrevistas foram realizadas com a diretora e com três professores das turmas. Também foram entrevistados o Centro de Referência da Assistência social (CRAS) e do Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) do Município, o Conselho Tutelar e a Delegacia de Polícia de Cláudio, que são órgãos de proteção social e segurança pública.

4.2. Relatos de campo: investigações e análises

Em uma breve caracterização demográfica e educacional do município de Cláudio, dados do IBGE (2010) registram densidade demográfica de 40,86 hab/km² em uma área territorial de 630,706 km². Dados indicam taxa anual de crescimento de 1,36% , passando de 22.520 para 25.771 o contingente populacional, com estimativas em 27.827 em 2015. Dados do censo escolar de 2015 mostram que o município tem 5.280 alunos (INEP, 2015), matriculados na educação básica. O sistema estadual de ensino atende no município, 2.306 alunos de Ensino Fundamental e Médio. A rede municipal 2.781 alunos em creche, educação infantil e Ensino

Fundamental e a rede privada 372 alunos, de creche, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio.

Para iniciar a investigação sobre a violência escolar nas escolas encontrou-se grande dificuldade de acesso aos casos porque o mais comum é a transferência do aluno envolvido para outra escola e os diretores mostram resistência à investigação. Com a aceitação do diretor a pesquisa foi realizada, houve uma breve observação de quatro turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública estadual situada em um bairro vulnerabilizado. O espaço físico é agradável, possui pátios, quadras, etc. e através da observação, foi identificado um caso de aluno, sexo masculino, 16 anos de idade, com nome fictício Antônio. O diretor e professores entrevistados têm nomes fictícios: Darci, Maria José, Geni e Inês.

Os alunos observados na faixa etária entre 14 e 15 anos, em geral, são bem resistentes às regras, vem de condições sócio econômica baixa e famílias desestruturadas. O entorno da escola é considerado vulnerável, os bairros próximos registram casos de tráfico de drogas e furtos frequentes. A relação da diretora com os alunos é amigável, as supervisoras são mais distantes e mais exigentes.

No livro de chamada constam 30 alunos, apenas 25 são frequentes. Num determinado momento da observação um aluno se aproxima e pergunta se a pesquisadora será professora mesmo. E explica que não é fácil, que muitos professores saem da sala chorando. A diretora bate na porta, cumprimenta a todos, uma aluna diz: “Que saudade”! Os outros começam a “zoar” a menina, dizendo “puxa saco”. Os alunos desafiam o professor durante todo o tempo e nunca se calam.

Na aula de artes foi observada a aplicação de uma pedagogia tradicionalista, que não estimula a criatividade e a reflexão. No horário de Educação Física, uma garota aborda a pesquisadora e conta que é de outra cidade e mora em Cláudio desde janeiro. Perdeu o pai há pouco tempo na cadeia e a mãe segue presa. Ela disse se sentir excluída dentro da escola, que as outras meninas são preconceituosas, não gosta da instituição e as colegas de sala não a deixaram participar de uma dança.

Os alunos têm uma necessidade enorme de encostarem uns nos outros, se esbarram o tempo todo com chutes, tapas na cabeça e beliscões. O professor relata que na sala existe um aluno esquizofrênico que não sabe ler e não faz nada. Durante a aula um aluno se levanta e ataca o outro brincando, porém a brincadeira resulta num tombo, ele levanta e retribuiu com alguns pontapés no colega. O professor interferiu para evitar confusão maior, segundo ele a maioria dos alunos tem pais na cadeia.

O professor de Português relata que aquele 9º ano é considerado o mais difícil da escola, que a violência física e verbal é constante dentro e fora da sala. A média de idade dos alunos é de 14 e 15 anos, porém nessa sala existem alunos repetentes com idade de 16 e 19 anos. Outra turma de 9º ano, segundo o Professor de Português, tem 36 alunos que não conseguem manter silêncio. A sala é cheia, os alunos fazem piadas o tempo todo com a professora, apesar disso conseguem acompanhar e absorver melhor o conteúdo. As aulas são suspensas para um campeonato interno de futebol, depois retornam para aula de Matemática. Os alunos ficam mais atentos.

A turma III com 35 alunos, na aula de História se mostra mais atenciosa e respeitosa, o professor é recepcionado calorosamente, várias alunas o abraçam. No início da aula aplica

uma prova, a turma fica mais tranquila. Procura atender cada aluno individualmente e quando chama atenção dos alunos é firme.

O diretor da escola e os professores entrevistados relataram o entendimento que têm de violência ao serem questionados sobre os tipos de violência praticados na escola; se estão preparados para enfrentar a situação violenta; quais os motivos causadores de violência física; perfil dos alunos que se envolvem com a violência ; estratégias de enfrentamento do problema; violência no entorno da escola e seus reflexos dentro da escola. Os resultados das entrevistas mostram que os professores reconhecem que a violência compreende:

Toda situação que gere desconforto, humilhação ou desrespeito ao direito individual (Darci).

A resposta desse professor entrevistado exemplifica o entendimento geral. Todos compartilham a ideia de que violência pode ser física, psicológica, verbal.

São encontradas formas de violência nos tratos professor/ aluno, direção e supervisão/ aluno, e até direção/ professor, considerando que os estudantes geralmente iniciam com a violência. No nosso contexto há sim ocorrência de muita violência (Darci)

[...] palavrões entre alunos, empurrões, brincadeiras sem graça[...] (Maria José).

[...] é possível identificar principalmente a violência verbal que acontece de forma mais frequente entre os alunos (Geni).

[...] violência física e verbal acontecem bastante (Inês).

Também testemunham a variedade de formas e tipos de violência no cotidiano escolar, todavia não fica claro se os professores e o diretor têm compreensão da violência simbólica ou institucional, cometida pela escola à medida que ela não cumpre seu papel de motivadora, estimuladora e educadora. Segundo informações, não existe acompanhamento dos casos de violência escolar pelo CRAS ou pelo CREAS.

Na observação dos alunos, de suas interações na sala de aula e com os professores registra-se que, à medida que o professor se esforça para estabelecer uma relação de respeito e de atenção ocorre uma reciprocidade e o ambiente fica mais tranquilo, respeitoso e propenso ao processo de aprendizagem.

Num período de dois anos, a Polícia Militar foi acionada três vezes para registrar: depredação do patrimônio, violência física dentro e fora da escola. Dados do número de ocorrências de julho a dezembro de 2016, fornecidas pelo escrivão da polícia civil Euclides Gonçalves da Cunha, indicam um total de 148 procedimentos, que se referem à violência física, verbal, furto, tráfico, de drogas, sendo que “muitos desses adolescentes menores de 18 anos já não frequentam mais a escola”.

O estudo de caso do aluno Antônio foi acompanhado pelo supervisor e diretor da escola. Antônio frequentou a Escola por sete anos, desde o 6º ano, e foi desistente do 9º ano, três anos seguidos. Foram feitas várias tentativas colocando-o em salas diferentes sem resultado. Segundo o supervisor, as figuras masculinas de referência para Antônio são o padrasto, que não tem tempo para ele e o pai, que está preso há algum tempo. O garoto diz que quer ser

igual ao pai, porém já está envolvido com o crime organizado, sendo um “aviãozinho”, como é chamada a pessoa que vende drogas sem ser o dono da mesma, o traficante. Na escola, houve uma grave ocorrência de violência física e envolvimento com drogas que acabou resultando em sua evasão. O supervisor relatou que Antônio se envolveu recentemente em um furto e a vítima do furto o abordou e espancou.

O diretor da escola afirma que a mãe de Antônio é uma trabalhadora de fundição, que já foi chamada inúmeras vezes para comparecer a escola. Em uma delas, a senhora aparentemente cansada e nervosa com a situação, bateu no rosto do filho com um sapato. Sem resultados, ele continuava a provocar brigas dentro da instituição, com alunos e professores. Um dos boletins de ocorrência (BO) solicitado à Polícia Militar pela escola foi por causa de depredação do patrimônio da Escola. A mãe pediu a transferência do aluno por causa do furto cometido, alegando que pessoas de outro bairro manifestaram “desejo de vingança”.

Devido à limitação de tempo, não foi possível avaliar a participação da família na vida escolar dos filhos e a parceria entre escola e família para o enfrentamento da violência. Com sugestão do diretor avaliou-se a frequência de familiares na reunião bimestral quando são entregues os boletins de notas. O 9º ano I apresentou o maior percentual de presença, 75%, seguido pelo 9º ano II, com 57%, depois o 9º ano III, com 48% e, por último, o 9º ano IV, com 27%. Quanto menor a participação de familiares, mais “difícil” é a turma, mais agitada e barulhenta. Ainda que uma das turmas tenha atingido mais de 70% de presença de responsáveis pelo aluno, isso não representa parceria efetiva. Constata-se que, ou os familiares não têm tempo e são omissos, ou não têm autoridade sobre os filhos. O fato é que não há um enfrentamento da situação, nem dentro da escola e nem fora dela, por parte dos serviços de proteção social e segurança pública. Todos os tipos de violência, seja física, verbal, psicológica, simbólica, são cometidos diariamente, e a violência escolar cresce.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência escolar é um problema que preocupa a sociedade contemporânea, porque a escola deixa de ser um espaço seguro, com atitudes de respeito, amizade, harmonia, integração e socialização e se torna palco de violências verbal, física e simbólica. As abordagens de autores contribuem para uma tomada de consciência, sobre a complexidade do fenômeno e o que pode ser feito para amenizar a violência. Para combater uma cultura de violência é preciso falar de paz.

Neste estudo, feitas as observações e entrevistas foram identificados diferentes tipos de violência na escola, não somente a física, mas também a violência verbal, psicológica e institucional. Concluiu-se que a escola e os órgãos de proteção à criança e adolescente não se fazem presentes e não se articulam no sentido de contribuir para a formação integral de sujeitos éticos e críticos.

O presente artigo salienta a importância do diálogo, como enfrentamento da violência na escola. Por meio do diálogo os seres humanos permitem se conhecer e conhecer o outro. A escola deve enfrentar a violência com firmeza e altivez pedagógica, semeando uma cultura de paz, por meio de estratégias de trabalho que conduzam ao respeito, ao companheirismo, e ao diálogo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Diagnóstico participativo das violências nas escolas: falam os jovens**. Rio de Janeiro: FLACSO -Brasil, OEI, MEC, 2016.97p.
- ABRAMOVAY, M. RUAS, M. G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO. 2003.
- BARROS, Jussara. **A Violência em Sala de Aula**. Acesso em 10 de fevereiro de 2013. <http://brasilescola.uol.com.br/educacao/escola-x-violencia>.
- BECKER, L. **Violência nas escolas públicas brasileiras: uma análise da relação entre o comportamento agressivo dos alunos e o ambiente escolar**. Nova econ. vol.26 no.2 Belo Horizonte May./Aug. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96**. Brasília. MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **O Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas**. Brasília, DF: MEC. 2007.
- CASTRO SANTANDER, A. **Prevenir las violencias: la deuda de enseñar a vivir con los demás**. Revista americana de Educación. Madrid, v.4, n.38, p.1-6, 2005.
- CHARLOT, Bernard. **Violência nas escolas: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. In Revista de Sociologia. Porto Alegre: 2002.
- DEBARBIEUX E. **Violência nas Escolas e Políticas Públicas** - Brasília 2002.
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Art. 22. Lei 8069/90. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10617843/artigo-22-da-lei-n-8069-de-13-de-julho-de-1990>. Acesso em: 08/05/2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5º Ed.. ATLAS, 2006.
- GISI, M.L. **Políticas de formação de professores e a violência na escola**. PUC PR, 2008.
- GOMES, C.A. et al. **A formação do professor em face das violências das/nas escolas**. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n.136, p.201-224, jan./abr. 2009.
- GUIMARÃES, Áurea M. **Escola: espaço de violência e indisciplina**. In Revista do laboratório de Estudos sobre Violência, Imaginário, Práticas socioculturais e Formação do professor, Campinas: Unicamp, 2006.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310420&search=minas-gerais/pains>. Acesso em 3 mar. 2017.
- KOEHLER, S. M. F. **Violência Psicológica: um estudo do fenômeno na relação professor/aluno** 2008. Disponível em <http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espacovirtual/espacopraxispedagogicas/.pdf> acesso em 31 de janeiro de 2013.

MELO, Elza Machado. **Podemos prevenir a violência**. Brasília DF. 2010. Disponível em http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/podemos_prevenir_violencia_03_12_2010.pdf Acesso em 02 de fevereiro de 2013.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. **O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade**. In: ENRICONE, D. (Org.). Ser professor. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 91-107.

OLIVEIRA, É.C. S. e MARTINS, S. T. F. **Violência, Sociedade e Escola: da recusa do diálogo à falência da palavra**. Psicologia & Sociedade, 19(1), p. 90-98; jan/abr, 2007.

PRIOTTO, E. P.; BONETI, L. W. **VIOLÊNCIA ESCOLAR: na escola, da escola e contra a escola** in Rev. Diálogo Educacional. Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, jan./abr. 2009

ROYER, E. A. **Condutas agressivas na escola: pesquisas, práticas exemplares e formação de professores**. In: Seminário de violências nas escolas: desafios e alternativas: *Anais...* Brasília: Unesco, UNDP, 2003. p.57-78.

SOARES, M.B. **A violência escolar em discurso de professores de escolas públicas e privadas da região metropolitana do Recife**. UFPE – 2013.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

VALE, F. F. et al. **Violência na escola a concepção de professores e alunos**. Unesp – Rio Claro, 2007.

VIANA, Nildo. **Escola e violência**. In: VIANA, N.; VIEIRA, R. (Org.). Educação, cultura e sociedade: abordagens críticas da escola. Goiânia: Edições Germinal, 2002.